

ISSN – 0553-8467

PESQUISAS

ANTROPOLOGIA, Nº 58

ANO 2002

CASAS SUBTERRÂNEAS NAS TERRAS ALTAS DO SUL DO BRASIL

PEDRO IGNÁCIO SCHMITZ
Editor

Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS
São Leopoldo – Rua Brasil, 725 – Rio Grande do Sul - Brasil

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS – UNISINOS

Rua Brasil, 725 – 93010-030 São Leopoldo, RS – BRASIL

Caixa Postal 275

E-mail: anchieta@helios.unisinos.br

Diretor: Pedro Ignácio Schmitz

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Diretor: Pedro Ignácio Schmitz, S.J.

Comissão Editorial

Artur Rabuske, S.J. – Coordenador de História

Josef Hauser, S.J. – Coordenador para Zoologia

Josafá Carlos de Siqueira, S.J. – Coordenador para Botânica

Pedro Ignácio Schmitz, S.J. – Coordenador de Antropologia

Conselho Editorial

Rafael Carbonell De Masi, S.J.

Beatriz Vasconcelos Franzen

Maria Gabriela Martin Avila

Ana Luisa Vietti Bitencourt

Bartomeu Melià

Albano Backes

Paulo Günter Windisch

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos trabalhos assinados.

A publicação de colaborações espontâneas depende da Comissão Editorial.

Pesquisas aparece em 3 secções independentes: Antropologia, História, Botânica.

PESQUISAS publishes original scientific contributions in current western languages.

The autor is responsible for his (her) undersigned contribution.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactional staff.

Pesquisas is divided into 3 independent series: Anthropology, History, Botany.

Pesquisas / Instituto Anchietano de Pesquisas. – (2002). São Leopoldo: Unisinos, 2002.

175p. (Antropologia; n. 58)

ISSN: 0553-8467

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Pesquisas, Antropologia está indexada em *Ulrich's International Periodicals Directory* e CLASE, entre outras indexadoras.

ESTUDO DE UMA “CASA SUBTERRÂNEA” NA BACIA DO RIO RIBEIRA DE IGUAPE, SÃO PAULO

*Marisa Coutinho Afonso¹
José Luiz de Moraes¹*

As casas subterrâneas representam um tipo de sítio arqueológico comum no sul do Brasil, mas no Estado de São Paulo, durante vários anos, seu reconhecimento e estudo ficaram limitados ao trabalho de André Prous, que identificou algumas casas subterrâneas no município de Itararé (Prous, 1979).

Astolfo Araujo identificou várias feições doliniformes e casas subterrâneas durante o levantamento arqueológico do alto vale do rio Paranapanema (Araujo, 1995, 2001). Kamase (2002), partindo dos estudos de Araujo, intensificou as pesquisas na região do Alto Paranapanema, voltando-se especialmente para as casas subterrâneas.

Diferentemente dos trabalhos realizados no sul do Brasil, e principalmente no Rio Grande do Sul, com casas subterrâneas onde as discussões estão voltadas para padrão de assentamento, função dos sítios, estudos intra-sítios, análise dos vestígios materiais, entre outros, em São Paulo a própria definição do sítio e sua identificação como casa subterrânea são os principais temas enfocados.

Uma casa subterrânea foi localizada no sul de São Paulo, próxima à fronteira com o Paraná. Por ser a única casa subterrânea escavada em São Paulo e a única localizada na bacia do rio Ribeira de Iguape, suas pesquisas são abordadas neste artigo.

O projeto “Levantamento do Patrimônio Arqueológico na área de duplicação da Rodovia Régis Bittencourt (BR116) no Estado de São Paulo” foi elaborado em 1996 para a área de duplicação da Rodovia Régis Bittencourt (BR116) no território paulista, através do contrato assinado entre o Museu de Arqueologia e Etnologia/Universidade de São Paulo e o Instituto Militar de Engenharia/Ministério do Exército (Afonso, 1997, 1998).

1 – Museu de Arqueologia e Etnologia/Universidade de São Paulo.

Sinopse do quadro ambiental

O quadro ambiental da bacia do rio Ribeira de Iguape, onde se inclui a área pesquisada, é bastante complexo. Neste texto, o propósito não é o detalhamento de tal quadro, mas a apresentação de algumas variáveis ambientais que possam ter tido alguma significância nos cenários de ocupação humana da região.

O meio ambiente sócio-econômico desenvolve-se pelo eixo da própria Rodovia BR116, elemento aglutinador dos municípios de Registro, Jacupiranga, Cajati e Barra do Turvo. A cidade de Registro não tem rival na hierarquia regional, sendo a segunda maior cidade Jacupiranga. As plantações de banana, chá e pastagens compõem o cenário rural, destacando os extensos trechos de Mata Atlântica.

A rede hidrográfica é comandada pelo rio Ribeira de Iguape, sendo que o interesse neste trabalho é dirigido à sub-bacia do Turvo Superior.

A morfologia do relevo é representada por duas unidades (sempre em se tratando do Turvo Superior): morrotes baixos e planícies aluviais, cujo desenvolvimento adquire certa expressividade local.

No contexto geral, a geologia é bastante complexa, indo desde rochas muito antigas até formações bem recentes. No caso da sub-bacia do Turvo Superior, destacam-se as faixas de dobramentos Apiaí (de idade arqueana), onde se encaixam sedimentos aluviais recentes, junto às calhas fluviais.

O clima é do tipo Cfb (mesotérmico úmido) e a vegetação do tipo floresta ombrófila densa montana (uma das formações componentes do domínio da Mata Atlântica).

De estrutura de combustão a casa subterrânea: as tentativas de interpretação

Durante o levantamento arqueológico, no km 539 da rodovia BR116, na margem esquerda, sentido São Paulo-Curitiba, um dos pontos de realização de furos chamou a atenção da equipe pelas suas peculiaridades. As verificações *in situ*, corroboradas por análise cartográfica preliminar, permitiram as seguintes considerações adicionais:

- Tratava-se de uma área circular deprimida, com aproximadamente 6 m de diâmetro e 50 cm de profundidade no ponto central, preenchida por sucessivas camadas de matéria vegetal em decomposição (uma verdadeira área de compostagem orgânica).
- A estrutura situava-se em um ressalto topográfico e a vegetação arbórea circundante era bastante densa, juncada de epífitas e bromélias.
- O material escuro, praticamente negro, representava o produto da compostagem orgânica. Havia vestígios de carvão em alguns locais da estrutura.
- Havia fragmentos de quartzito e quartzo misturados à matéria orgânica, alguns com arestas polidas por abrasão natural. Muitos fragmentos apresentavam marcas de ação térmica.

- Alguns fragmentos apresentavam morfologia de lascamento por fratura conchoidal o que, no caso, descartava a possibilidade exclusiva de fragmentação térmica.

Foi inicialmente registrada como uma estrutura de combustão pela grande quantidade de fragmentos de carvão que apresentava. Este tipo de estrutura de combustão, rodeada de materiais líticos, já foi registrada por arqueólogos que pesquisaram a região do vale do rio Ribeira de Iguape, no curso médio (Robrahn, 1988 e De Blasis, 1988), relacionada a grupos da tradição arqueológica ceramista Itararé.

O local foi denominado "sítio Barra do Turvo" e localiza-se na margem esquerda do rio Turvo, município de Barra do Turvo, Estado de São Paulo, com coordenadas UTM: E=764.480 m e N=7.235.795 m (*Figura 1*) e altitude entre 670 e 660 m.

Em 1997, foram realizadas intervenções subsuperficiais - catorze sondagens e quatro trincheiras - para se delimitar a área com grande quantidade de material orgânico e fragmentos de carvão. A planta das intervenções de campo evidenciou uma estrutura grosseiramente circular com dimensões máximas de 6,2 m por 6,7 m. Os perfis estratigráficos nas sondagens e trincheiras apresentaram uma camada areno-argilosa escura, rica em matéria orgânica, com a presença de objetos líticos nos limites da depressão. Abaixo desta camada, apresentou-se outra, areno-argilosa clara, sem evidências arqueológicas.

Uma grande quantidade de materiais líticos foi encontrada na estrutura. Muitos destes materiais, de quartzo e quartzito, apresentavam sinais evidentes de lascamento por ação térmica (lascas de formas arredondadas) e alguns sinais de lascamento intencional.

A pesquisa de campo e a análise dos materiais líticos e gráficos elaborados indicavam a existência de um sítio arqueológico com uma grande estrutura de combustão, ou várias no mesmo espaço.

Em outubro de 1998, foram abertas novas trincheiras para a delimitação completa do sítio. A planta do sítio apresenta as trincheiras e sondagens escavadas em 1997 e em 1998. Para se delimitar com mais precisão a casa, foram feitas também várias intervenções com a pá (*shovel-testing*), confirmando a área já delimitada em 1997 (*Figura 2*).

A estrutura tinha a forma ligeiramente circular e um buraco de esteio foi encontrado na parte mais profunda da depressão. As casas subterrâneas foram construídas escavando-se o solo/sedimento e colocando-se estacas para segurar a cobertura vegetal que servia de teto. Como em países tropicais a conservação de materiais orgânicos é, em geral, muito difícil, houve a decomposição da madeira e foi encontrado um buraco, de forma circular e 17 cm de diâmetro, com solo rico em matéria orgânica no interior, além de blocos de quartzito que podem ter sido utilizados para apoiar a estaca central. Foi possível também evidenciar duas estruturas de combustão (fogueiras) com vestígios líticos, muitos apresentando marcas de lascamento térmico. Uma proposta de reconstituição da casa é apresentada na *Figura 2*, com base nas estruturas localizadas.

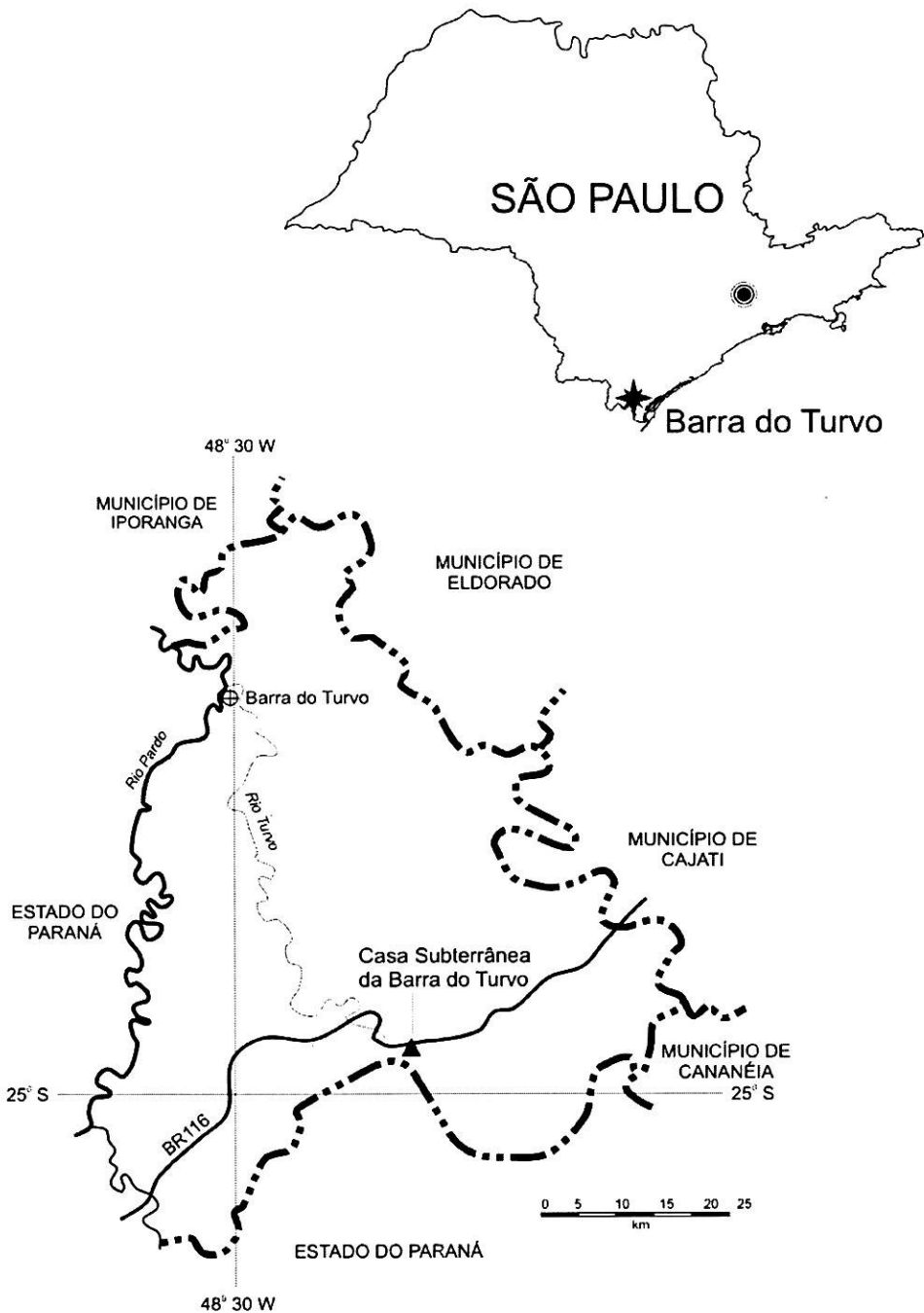


Figura 01: localização do sítio arqueológico.

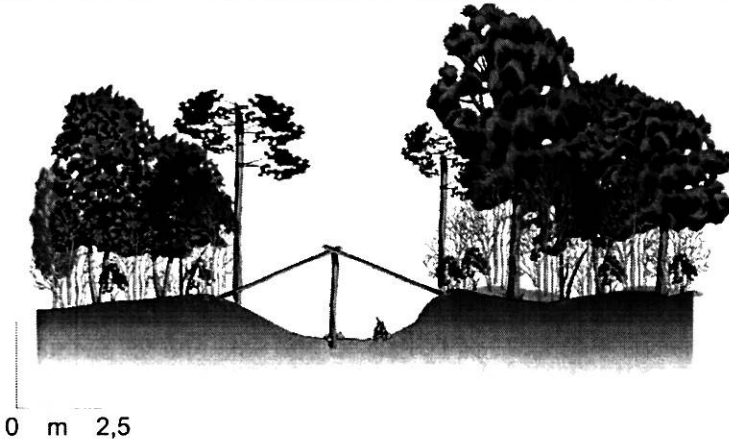
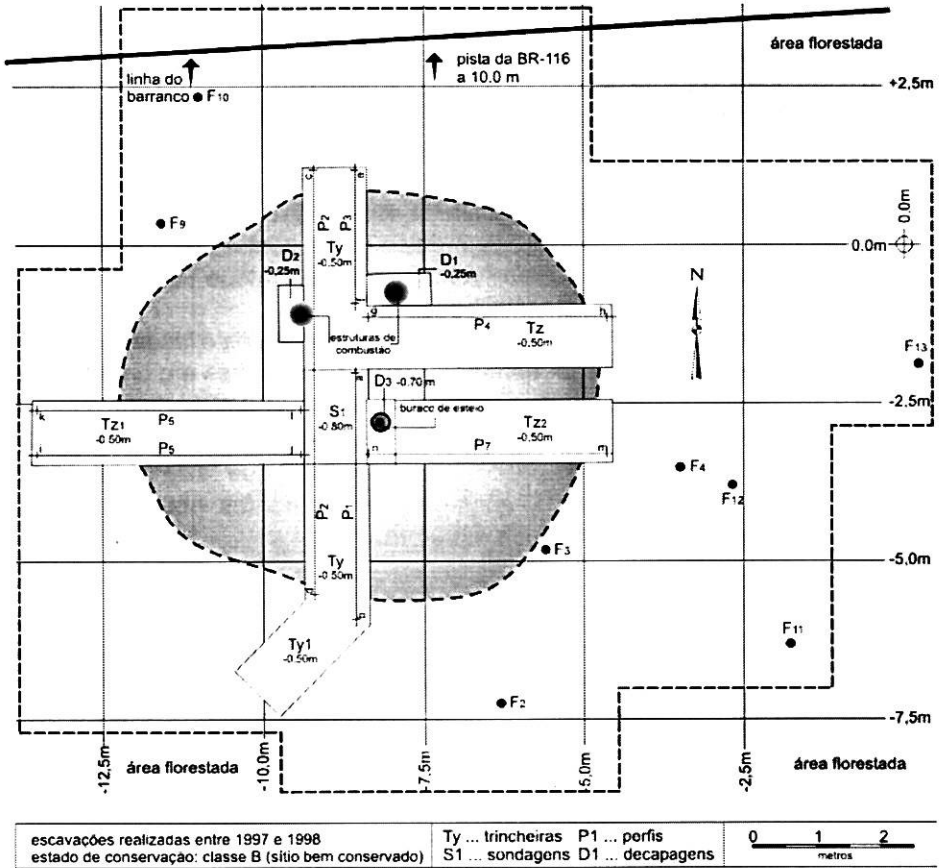


Figura 02: planta e reconstituição hipotética da casa subterrânea.

Os perfis estratigráficos apresentaram uma camada superficial rica em matéria orgânica, de cor preta, onde ocorrem as peças líticas e as estruturas de combustão, e uma camada de cor marron amarelada, estéril do ponto de vista arqueológico. O contato entre estas duas camadas é brusco.

Amostras de sedimentos foram coletadas para análises sedimentológicas, geoquímicas (teor de fosfato) e datação por termoluminescência (peças líticas e sedimento).

A *Figura 3* apresenta os dados obtidos através das datações de sedimentos escuros da camada escura e de fragmentos líticos com marcas de fogo, elaboradas pela equipe coordenada pela Profa. Dra. Sonia Hatsue Tatumi, da Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC/SP).

As datações mais antigas foram obtidas de sedimentos e lasca térmica superficiais; as mais recentes foram obtidas através de amostras em profundidade durante a elaboração de trincheiras. Consideram-se mais confiáveis pela análise do contexto arqueológico regional e pelo maior cuidado na coleta das amostras as datações de 1270 ± 100 anos para o lítico queimado que fazia parte de uma estrutura de combustão e 800 ± 100 anos para os sedimentos, obtidos com o auxílio de um tubo de plástico abaixo da estrutura.

<i>amostra</i>	<i>dose equivalente ou paleodose (Gy)</i>	<i>dose atual (10-6 Gy/ano)</i>	<i>idade (anos)</i>
sedimentos	19,90	2600	7700 ± 600
fragmento lítico, lascamento térmico	5	2300	2200 ± 200
fragmento lítico queimado	3,30 ± 0,17	2600 ± 130	1270 ± 100
sedimentos	2,29 ± 0,11	2600 ± 150	800 ± 100

Figura 03: Datações (por termoluminescência ou luminescência opticamente estimulada)

No final das pesquisas de campo no sítio Barra do Turvo, o sítio foi delimitado em sub-superfície através da confecção de várias trincheiras nas direções N-S e E-W.

O sítio Barra do Turvo pode ter sido ocupado não como moradia de longa permanência, pois além de vestígios de fogueira e líticos associados não há outros materiais arqueológicos daqueles localizados em casas subterrâneas do sul do Brasil.

A bacia do rio Turvo foi prospectada arqueologicamente no médio e no baixo vale por Robrahn (1988), que localizou vários sítios ceramistas da tradição Itararé, sítios líticos e concheiros fluviais. O alto vale não foi pesquisado por Robrahn porque está coberto por uma densa vegetação (Parque Estadual de Jacupiranga), que dificulta a visibilidade arqueológica.

A casa subterrânea de Barra do Turvo parece ser um sítio isolado, mas é importante esclarecer que o alto Turvo não foi ainda objeto de pesquisas arqueológicas sistemáticas.

A arqueologia das casas subterrâneas em São Paulo está apenas iniciando e este artigo representa uma contribuição para este tema tão fundamental para o entendimento da ocupação nas regiões sul-sudeste brasileiras.

Agradecimentos: À equipe de campo: Paulo A. D. De Blasis, Levy Figuti, Astolfo Gomes de Mello Araújo, Silvia Cristina Piedade, Sandra Nami Amenomori, José Paulo Jacob, Dária Elânia Fernandes Barreto, José Carlos Marcelino, Severino Leonardo de Pontes, Marinho Ribeiro Martins, Helio de Oliveira, Antonio Sergio Jacob e Gilberto do C. Santana. A Saul Milder e equipe da UFSM pela organização do Colóquio. Ao Prof. Pedro Ignácio Schmitz e ao IAP pela publicação dos trabalhos. Aos colegas do colóquio pelas excelentes discussões científicas.

Referências bibliográficas

- AFONSO, M.C. 1997. *Levantamento do Patrimônio Arqueológico na Área de Duplicação da Rodovia Régis Bittencourt (BR-116) no Estado de São Paulo – Relatório Final*. MAE/USP.
- AFONSO, M.C. 1998. *Resgate Arqueológico na área de duplicação da Rodovia Régis Bittencourt (BR-116) no Estado de São Paulo: os sítios Paraíso e Barra do Turvo*. Relatório, MAE/USP.
- ARAUJO, A.G.M. 1995. *Levantamento arqueológico da Área do Alto Taquari, Estado de São Paulo, com ênfase nos sítios líticos*. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP.
- ARAUJO, A.G.M. 2001. *Teoria e Método em Arqueologia Regional: um estudo de caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo*. Tese de doutorado, FFLCH-USP.
- DE BLASIS, P.A.D. 1988. *A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira de Iguape, SP: os sítios líticos do médio curso*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP.
- KAMASE, L.M. 2002. Estudo das "Casas subterrâneas" e feições doliniformes no alto Paranapanema (SP). *Pesquisas*, neste volume.
- PROUS, A. Première information sur les maisons souterraines de l'État de São Paulo. *Revista de Pré-História*, vol. 1, n° 1: 127-145, 1979
- ROBRAHN, E. M. 1988. *A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira de Iguape, SP: os grupos ceramistas do médio curso*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Urugual.** Pedro Ignácio Schmitz. Pesquisas 1, 1957, p.122-142. *Esgotado - xerox.*
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo.** José de Moura. Pesquisas 1, 1957, p.143-180, anexo p.293-295. *Esgotado - xerox.*
3. **Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul) -** Pedro Ignácio Schmitz. Pesquisas 2, 1958, p.113-143. *Esgotado - xerox.*
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina.** Pe. João Alfredo Rohr. Pesquisas 3, 1959, p.199-266. *Esgotada - xerox.*
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea.** Ignácio Schmitz. Pesquisas 3, 1959, p.267-324. *Esgotado - xerox.*
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbราซิลien -** Guilherme Tiburtius. Pesquisas, 1960, Antropologia nº 6, 60p.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de S. Catarina e Paraná -** Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. Pesquisas 1960, Antropologia nº 7, 51p., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II -** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1960, Antropologia nº 8, 32p., 5 fig. 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuztlas.** J. Hasler Pesquisas 1960, Antropologia nº 9, 17p.
10. **Os Munkü, 2ª contribuição ao estudo da tribo Iranche.** José de Moura. Pesquisas 1960, Antropologia nº 10, 59p.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte, aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbราซิลien.** Guilherme Tiburtius. Pesquisas 1961, Antropologia nº 11, 28p., 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, II.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1961, Antropologia nº 12, 18p., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense.** Igor Chmyz. Pesquisas 1962, Antropologia nº 13, 19p., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense, IV (1961).** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1962, Antropologia nº14, 27p., 10 fig.
15. **Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina: I. Exploração sistemática do sítio de Praia de Tapera. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1966, Antropologia nº 15, 61p., 1 mapa, 4 pranchas.
16. **Arqueologia no Rio Grande do Sul.** Pedro Ignácio Schmitz. e outros. Pesquisas 1967, Antropologia nº 16, 58p., 5 fig., 6 pranchas.
17. **O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1967, Antropologia nº 17, 24p., 7 fig. fora do texto.
18. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata.** Pesquisas 1968, Antropologia nº 18, 190p., 1 tabela, 9 pranchas fora do texto.
19. **Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas adjacentes.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1969, Antropologia nº 19, 30p., 15 fig., 1 foto.
20. **Anais do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências.** Pesquisas 1969, Antropologia nº 20, 216p., 30 pp. de ilustrações.
21. **Sugestões para uma tipologia lítica para o Interior do Sul do Brasil.** Tom O. Miller, Jr. Pesquisas 1969, Antropologia nº 21, 48p., 18 fig. fora do texto.
22. **Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1969, Antropologia nº 22, 37p., 1 mapa, 2 fig., 2 pr. fora do texto.
23. **Arqueologia do Vale do Rio Pardinho (comparações com material proveniente do Alto Jacuí), 1ª parte.** Pedro Ignácio Schmitz e outros. Pesquisas 1970, Antropologia nº 23, 54p., 12 pranchas, 2 tábuas fora do texto.
24. **Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1971, Antropologia nº 24, 56p., 12 fig., 4 pr. fora do texto.
25. **Os Espíritos Maus dos Nanbikuara e Quinze Lendas dos Rikbaktsa.** Pe. Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1973, Antropologia nº25 48p.
26. **A morte e a outra vida dos Nanbikuara. Lendas dos Índios Nanbikuara.** Pe. Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1974, Antropologia nº 26, 54p.
27. **Lendas dos Índios Irânxe.** Pe. Adalberto H. Pereira. Pesquisas 1974, Antrop. nº 27, 84p.
28. **História dos Munkü (Irânxe).** Pe. Adalberto Holanda Pereira e Pe. José de Moura e Silva. Pesquisas 1976, Antropologia nº 28, 40p.
29. **O Índio Kaingáng no Rio Grande do Sul.** Ítala Irene Basile Becker. Pesquisas 1976, Antropologia nº 29, 264p.
30. **Sítios de Petroglifos nos Projetos Alto-Tocantins e Alto-Araguaia, Goiás.** Pedro Ignácio Schmitz, Sílvia Moehlecke, Altair Sales Barbosa. Pesquisas 1979, Antropologia nº 30, 73p.
31. **Estudos de arqueologia e pré-história brasileira em memória de Alfredo Teodoro Rusins.** Pedro Ignácio Schmitz (Ed.). Pesquisas 1980, Antropologia nº 31, 249p.
32. **Contribuciones a la prehistoria de Brasil.** Pedro Ignácio Schmitz. Pesquisas 1981, Antropologia nº 32, 243p.

33. **Arqueologia do Centro-Sul de Goiás. Uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil.** Pedro Ignácio Schmitz, Irmhild Wüst, Sílvia Moehlecke Copé, Úrsula Madalena Elfriede Thies. Pesquisas 1982, Antropologia n° 33, 281p.
34. **Petroglifos do Estilo Pisadas no Centro do Rio Grande do Sul.** Pedro Ignácio Schmitz, José Proenza Brochado. **Projeto Médio-Tocantins: Monte do Carmo, GO. Fase Ceramista Pindorama.** Altair Sales Barbosa, Pedro Ignácio Schmitz, Angélica Stobäus, Avelino Fernandes de Miranda. Pesquisas 1982, Antropologia n° 34, 93p.
35. **O Povoamento Tupiguarani no Baixo Ijuí, RS, Brasil.** Jussara Louzada Ferrari, Pesquisas 1983, Antropologia n° 35, 132p.
36. **O Pensamento Mítico dos Nambikwára.** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1983, Antropologia n° 36, 144p.
37. **El Indio y la Colonización.** Ítala Irene Basile Becker. Pesquisas 1984, Antropologia n° 37, 288p.
38. **Prehistoria del N.E. Argentino, sus Vinculaciones con la República Oriental del Uruguay y sur de Brasil.** Maria Amanda Caggiano. Pesquisas 1984, Antropologia n° 38, 109p.
39. **O pensamento Mítico do Irânxe.** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1985, Antropologia n° 39, 167p.
40. **Cranimetria Radiográfica em População Pré-Histórica Brasileira; Ecologia e Cultura Material; Estratégias Usadas no Estudo dos Caçadores do Sul do Brasil - Alguns Comentários; Fase Itapiranga: Sítios de Tradição Planáltica; O Material Lítico do Sítio RS-CA-14, Capão Grande, Camaquã, RS.** Pe. João Alfredo Rohr. e outros. Pesquisas 1985, Antropologia n° 40, 144p.
41. **O pensamento Mítico do Paresi - Primeira Parte.** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1986, Antropologia, n° 41, 441p.
42. **O Pensamento Mítico do Paresi - Segunda Parte -** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1987, Antropologia, n° 42, 398p.
43. **Paleogenética dos Grupos Pré-Históricos do Litoral Sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina).** Walter Alves Neves. Pesquisas 1988, Antropologia n° 43, 178p.
44. **Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central. Serranópolis I.** Pedro Ignácio Schmitz, Altair S. Barbosa, André L. Jacobus e Maira B. Ribeiro. Pesquisas 1989, Antropologia n° 44, 208p.
45. **Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr. O Sítio Arqueológico da Praia da Tapera: Um Assentamento Itararé e Tupiguarani.** Sérgio Baptista de Silva, Pedro Ignácio Schmitz, Jairo Henrique Rogge, Marco Aurélio Nadal de Masi e André Luiz Jacobus. Pesquisas 1990, Antropologia n° 45, 210p.
46. **História da Arqueologia Brasileira.** Alfredo M. de Souza. Pesquisas 1991, Antropologia n° 46, 157p.
47. **Lideranças Indígenas no Começo das Reduções da Província do Paraguai.** Ítala Irene Basile Becker. Pesquisas 1992, Antropologia n° 47, 197p.
48. **Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr. O Sítio Arqueológico da Armação do Sul.** Pedro Ignácio Schmitz, Marco Aurélio Nadal de Masi, Ivone Verardi, Rodrigo Lavina e André Luis Jacobus. Pesquisas 1993, Antropologia n° 48, 220p.
49. **Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr; O Sítio da Praia das Laranjeiras II. Uma Aldeia de Tradição Ceramista Itararé.** Pedro Ignácio Schmitz, Ivone Verardi, Marco A. Nadal de Masi, Jairo H. Rogge e André L. Jacobus, Pesquisas 1993, Antropologia n° 49, 181p.
50. **O Pensamento Mítico do Rikbaksá.** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1994, Antropologia n° 50, 336p.
51. **O Pensamento Mítico Kayabi.** Adalberto H. Pereira. Pesquisas 1995, Antropologia n° 51, 160p.
52. **Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central - Sudoeste da Bahia e Leste de Goiás: O Projeto Serra Geral** Pedro Ignácio Schmitz, Altair Sales Barbosa, Avelino Fernandes de Miranda, Maira Barberi Ribeiro e Mariza de Oliveira Barbosa. Pesquisas 1996, Antropologia n° 52, 198p.
53. **Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr: Laranjeiras I, Pântano do Sul e Cabeçadas.** Pedro Ignácio Schmitz, Ana Luiza Vietti Bitencourt e Ivone Verardi. Pesquisas 1996, Antropologia n° 53, 193p.
54. **Aterros Indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul.** Pedro Ignácio Schmitz, Jairo H. Rogge, André O. Rosa, Marcus V. Beber. Pesquisas 1998, Antropologia n° 54, 271p.
55. **Içara: um jazigo mortuário no litoral de Santa Catarina.** Pedro Ignácio Schmitz e outros. Pesquisas 1999, Antropologia n° 55, 164p.
56. **Lideranças Kaingang no Brasil Meridional (1808-1889).** Luis Fernando da Silva Laroque. Pesquisas 2000, Antropologia n° 56, 220p.
57. **Pescadores Coletores da Costal Sul do Brasil.** Marco Aurelio Nadal de Masi. Pesquisas 2001, Antropologia n° 57, 136p.